

# **“Uma outra paz é possível!**

## **A agenda pacifista no Fórum Social**

### **Mundial”**

Teresa Cunha

*Permitir-nos sonhar e assumir um papel activo é o acto mais revolucionário do Fórum Social Mundial, num momento em que a ideologia do pensamento único e da inviabilidade de outras alternativas parecia definitivamente imposta.*

Cândido Grzybowski

*A paz, a guerra e as globalizações do milénio*

As sociedades contemporâneas vivem hoje marcadas por relações internacionais de uma complexidade e interdependência crescentes. As comunidades humanas, os países, os Estados, assim como as suas organizações de base regional ou internacional, políticas, económicas e sociais estão, do mesmo modo, expostas aos múltiplos fenómenos de um tempo e de um espaço nos quais, as diferentes globalizações que estão em marcha, exercem um enorme atractivo e influência (Santos, 2001). As nossas comunidades nacionais fazem parte desta mega relação sócio-política, sofrendo e usufruindo dos fluxos, colapsos e potencialidades, provocados pelas novas realidades em que esta se constitui.

A financiarização da economia e a criação de um mercado planetário, a deterioração do princípio do multilateralismo, que marcou as relações internacionais na segunda metade do século XX, o agravamento das desigualdades mundiais no acesso e distribuição da riqueza produzida e existente, a proliferação de conflitos violentos dentro e fora das fronteiras dos Estados nacionais tal como o aumento e a irreversibilidade dos desequilíbrios ecológicos, criaram novos problemas e produziram novos contornos em todas as relações sociais existentes.

Durante a década de noventa consolida-se a globalização das relações económicas segundo um modelo neoliberal, liderado pelas elites dos países tecnologicamente desenvolvidos. Esta globalização instaura uma concepção de mercadorização que não se esgota no acesso e transformação de matérias-primas mas, que, pelo contrário, coloca sob o seu domínio, a produção e a mercantilização, a maioria das relações sociais materiais e imateriais. Parte fundamental desta nova face do capitalismo, tardio e neoliberal, é a

cultura que processa e legitima esta reorganização do mundo (Santos, 2001; Wallerstein, 2001; Quijano, 2003)).

É, neste contexto, em que diversos movimentos de fragmentação e universalização se cruzam, se contradizem e se impõem, que a paz e a guerra ganham novas significações, seja no âmbito estrito da subjectividade humana, seja ao nível das relações transnacionais e mundiais. As *novíssimas guerras*, como as *novíssimas pazes* são hoje realidades cujas agendas, meios e protagonistas já não podem ser lidos apenas, com os instrumentos analíticos de que dispusemos durante o último século.

De facto, a paz designa um campo conceptual no qual se reconhecem múltiplas formas de regulação pacífica dos conflitos, onde se geram relações e expectativas positivas para a satisfação das diversas necessidades humanas, (Muñoz, 2001), ao nível subjectivo, intersubjectivo e social, mantendo uma relação de harmonia entre as pessoas e a natureza. Desde a simples ideia de paz como ausência de conflito bélico, como entendia Clausewitz, até ao entendimento de que a violência existe sempre que um *dano desnecessário* é infligido (Reardon, 1985: 41), a amplitude do arco conceptual da paz, alarga-se, procurando não ‘desperdiçar nenhuma experiência’ de relação pacífica ou de manifestação do nosso acervo cultural e existencial para a paz (Muñoz, 2001). Também os estudos pós-coloniais como os estudos feministas dão voz a novas abordagens teóricas, claramente mais abrangentes e descentradas dos problemas meramente militares e de segurança militar. Os contributos feministas e pós-coloniais, integram noções como harmonia universal, paz intra e inter-subjectiva, para além de que, nos fazem alertas preciosos sobre os sistemas de poder e de dominação que sobre-determinam a paz e a guerra e os conhecimentos que temos sobre elas (Reardon, 1985; Mies, 2000; Mohanty,

1991). A ciência crítica traz para os estudos para a paz questões como a diversidade dos conhecimentos existentes sobre a paz e a guerra e, portanto, a impossibilidade de reduzir estas realidades a uma só teoria geral.

Por isso, as epistemologias e as ferramentas de análise e compreensão sobre e para a paz expandiram o seu interesse por problemáticas como o sexismo, o desenvolvimento, a economia global, a interdependência dos países, novos paradigmas de segurança, os movimentos transnacionais pacifistas, o equilíbrio ambiental e ecológico, a não-violência, entre outros. A ausência de violência directa, nas estruturas e relações sociais assim como nas culturas e suas ferramentas ideológicas (Galtung, 1996), tornou-se no *campus* mais relevante da investigação contemporânea sobre a paz.

Simetricamente, tentar compreender um conflito associado a uma violência tornou-se muito mais do que entender um acto de agressão directa. O imaginário da guerra, como nos mostra a literatura feminista, constrói-se a partir de uma ideia de dominação de *uma/um* sobre *a/o outra/o* e, que é primariamente ontológica (Reardon, 1985; 2002), radicada na ideia de superioridade natural de *um* sobre o *outro*. Assim, a compreensão da guerra é muito mais do que aceder à racionalidade presente numa disputa militar por um território e seus recursos ou dos actos de violência de um Estado contra outro para salvaguardar ou lograr os seus interesses (Kaldor, 2001: 31). A ideia dominante da naturalização da violência e o mito da sua eficácia (Stephenson, 2002) associados à ideia de superioridade ontológica de uns sobre *as/os outras/os*, transforma a guerra num acto predatório, no qual presas e caçadores são da mesma espécie (Galeano, 2004), sendo uns naturalmente vencedores e *outras/os* naturalmente condenadas/os a permanecer na insolvência da perda e da violência.

As economias de guerra que estão associadas aos conflitos armados, os fenómenos de deslocamento forçado de multidões humanas, a brutalidade dos meios empregues, a violação em massa dos direitos humanos, a destruição de infra-estruturas e do meio ambiente e a multiplicidade de actores bélicos, fazem com que os chamados ‘novos conflitos’ possuam uma densidade insuspeitada e crescente, também porque ocorrem num mundo globalizado, sujeito a relações sociais e políticas profundamente marcadas por contradições e sentidos disruptivos e que tendem a produzir *guerras globalizadas* (Correia, 2001; Kaldor, 2001).

A globalização neoliberal hegemónica (Santos 2001) tende a usar a paz e a guerra, entre muitas outras coisas, como mais um objecto que pode transformar numa realidade informada de estética belicista que se mediatiza e naturaliza através dos meios de comunicação de massas (Louçã, 2003). Tornadas objectos que se podem obter, são, para as pessoas reais e concretas, ora um espectáculo sofisticado de sons, cores e imagens, ora uma insuportável sucessão de sofrimentos incompreensíveis e fatais.

A preocupação social sobre a paz e a guerra precipita deste modo, a constituição de novos movimentos sociais de carácter pacifista (Moita, 2001). Ao mesmo tempo, faz incorporar nas agendas de outros movimentos sociais, a paz e a guerra, como uma parte fundamental para a compreensão do mundo e da acção transformadora do mundo. Estes movimentos e estas agendas trazem com eles também, a necessidade de fazer evoluir os conhecimentos que tínhamos sobre a paz e a guerra e mobilizam instituições e pessoas diferentes um pouco por todo o mundo. Alguns destes movimentos e agendas são mais radicais, apostando numa nova visão de sociedade e estão mais interessados na acção directa pelo desarmamento e resistência não-violenta às acções militares. Outros

reforçam a ideia de que a construção da paz deve passar essencialmente por reformas fortes, de carácter institucional e pelo reforço dos corpos normativos internacionais. Há ainda outros movimentos e agendas que preconizam a utilização conjugada da acção directa e das reformas institucionais, abrindo novos espaços de acção política. Estes movimentos sociais e os corpos epistemológicos que vão surgindo, a partir das suas preocupações e reivindicações, são diferenciados e têm iniciativas de tipo diverso nos países centrais, nos países semi-periféricos e nos países periféricos.

É nesta complexa teia de preocupações, que se desenham os desafios que se colocam a uma abordagem sobre novos conceitos, iniciativas e suas/seus protagonistas, acerca e a propósito da paz, dos problemas gerados pela conflitualidade das relações humanas e dos fenómenos que esta gera, seja ao nível formal das instituições locais ou transnacionais, seja ao nível informal das comunidades familiares ou societárias de pequena dimensão.

### ***O Fórum Social Mundial***

Este movimento inicia-se a partir de uma ideia fundadora que é que o projecto imperial neoliberal não só é, extremamente injusto para a esmagadora maioria da população humana, promove guerras e conflitos bélicos incontáveis e de consequências dificilmente avaliáveis, como conduzirá a um ambiente insustentável e absolutamente incapaz de manter a vida e, no limite, a existência do planeta. Numa só palavra, a globalização protagonizada pelas elites instaladas no poder dos países do centro do sistema mundial e das organizações transnacionais como a OMC, o FMI e o BM, são suicidas para a humanidade e para o mundo (Whitaker, 2002).

Uma outra paz é possível!  
A agenda pacifista do Fórum Social Mundial

Sem um projecto e sujeito únicos e universais de mudança, este movimento constrói-se a partir da ideia de um internacionalismo forte, no qual se possam expressar as várias formas que as comunidades de mulheres e homens têm vindo a inventar para resistir e resolver os seus problemas e que são as suas ideias de emancipação ou libertação (Grzybowski, 2003).

No início do ano de 2001, nas datas em que se reunia o Fórum Social Económico em Davos, reúne-se pela primeira vez, em Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul do Brasil, o primeiro Fórum Social Mundial (FSM). Caracterizado por ser um espaço de encontro da ‘sociedade civil global’ é, assumidamente, um espaço não governamental, não confessional e não partidário, fundado como uma arena de resistência ao pensamento único neoliberal, buscando a articulação de acções concretas e alternativas sendo também uma assembleia mundial não deliberativa mas propositiva de uma globalização contra-hegemónica (Grzybowski, 2003). Esta globalização contra-hegemónica ao invés da outra é protagonizada pelas pessoas, pelos povos, pelos grupos humanos e pelas suas acções de resistência ou de luta expressa, livres da coacção e da violência, por um mundo onde a economia e o mercado possam servir a humanidade e não o contrário.

Na Carta de Princípios do Fórum Social Mundial que funda a agenda mínima dos movimentos sociais que o integram, incorpora a não-violência como um bem, como um dos requisitos para as relações de justiça e para a transformação do mundo e das relações de dominação e exploração. A paz é entendida deste modo de forma abrangente e, considerada como um direito da nova cidadania global e cosmopolita que o FSM quer anunciar e quer fazer emergir.

(...)

*8- O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em acções concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.*

(...)

*10- O Fórum Social Mundial opõe-se a toda a visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controlo social pelo Estado. Propugna pelo respeito dos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, géneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.*

(...)

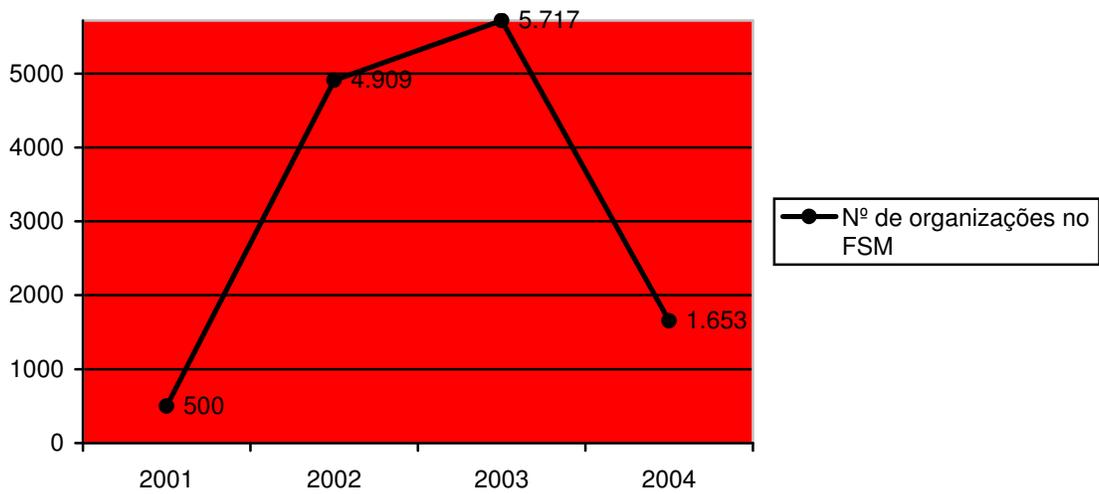
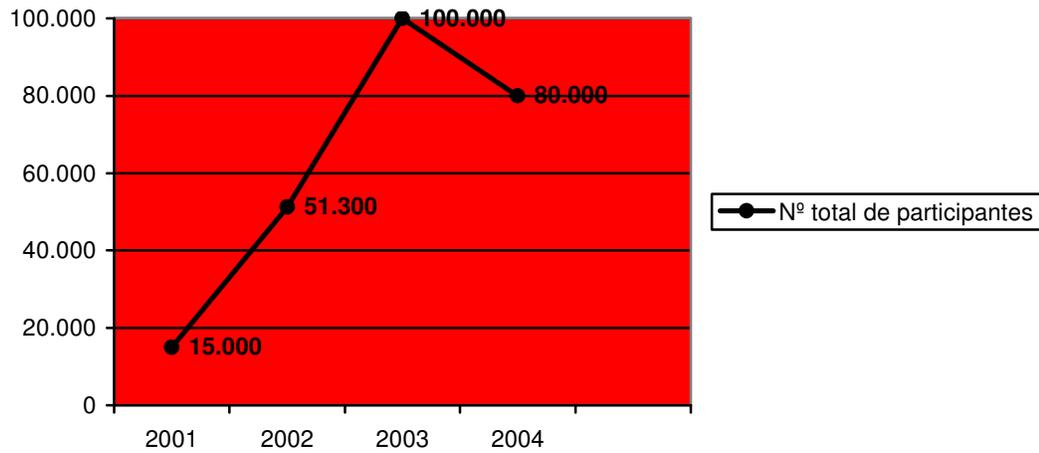
*13- O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela acção desses movimentos e entidades.*

**Carta de Princípios do Fórum Social Mundial**

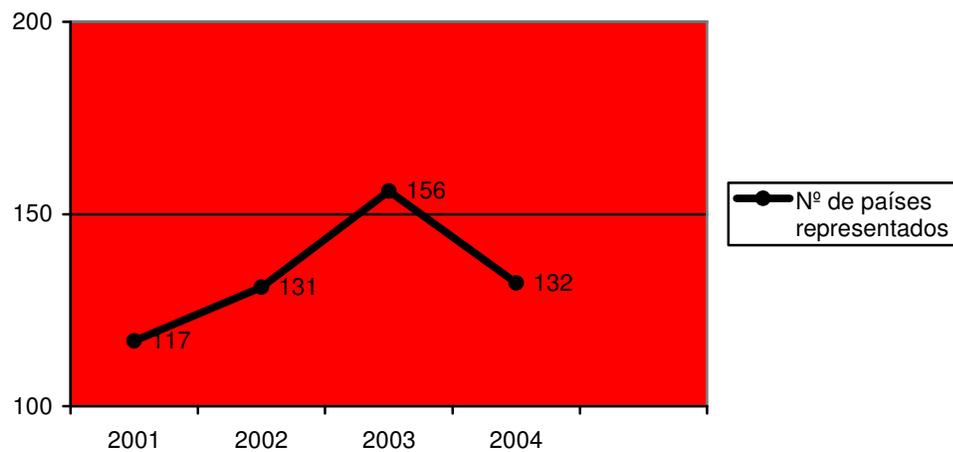
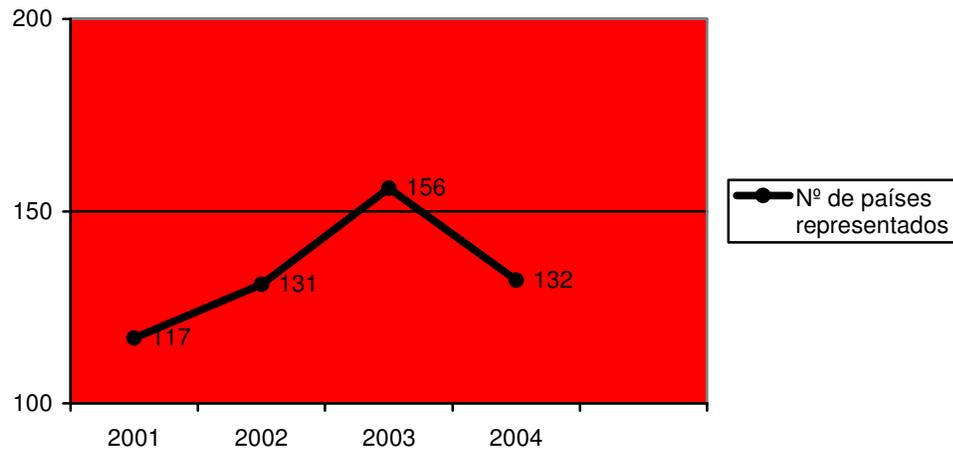
**<http://www.dhnet.org.br/fsmrn/divulgar/manifest.html> a 13-08-2004**

Uma outra paz é possível!  
A agenda pacifista do Fórum Social Mundial

Encontrando um eco importante nos movimentos sociais de todo o mundo, o FSM reúne-se de novo em 2002 e 2003 em Porto Alegre com um número crescente de participantes e de acções desenvolvidas por organizações de todos os continentes.



Uma outra paz é possível!  
A agenda pacifista do Fórum Social Mundial



Apesar da dinâmica mundial inaugurada desde o início, a sub-representação de pessoas e movimentos da África e Ásia acaba por se tornar evidente. Esta ausência da

África e da Ásia traz consigo uma ignorância fundamental e que é saber muito pouco ou quase nada sobre os problemas e as formas que as pessoas têm para os entender e procurar alternativas, nesses lugares do mundo. A diversidade que o FSM quer praticar e quer incorporar como método de resistência e como conceito central da alternativa que busca, ainda não foi alcançada de forma considerada satisfatória, neste contexto de uma globalização contra-hegemónica (Santos, 2001). Tentando contrariar a institucionalização e promovendo uma estratégia de diversificação de pessoas, propostas e visões, presentes nestas assembleias mundiais que são cada um dos Fóruns, ele é realizado em 2004 em Mumbai, na Índia. Tornava-se essencial criar o espaço e a oportunidade para que a Ásia e, pelo menos, a África Oriental, pudessem enriquecer com as suas visões o movimento e o processo de construção de uma agenda mínima comum de resistência e luta contra o neoliberalismo (Osava, 2004). Ainda que o número de participantes e o número de actividades tenha decrescido, na verdade ganhou-se em diversidade de público e numa nova maneira de ver e falar desta globalização contra-hegemónica (Santos, 2004).

### *A paz no Fórum Social Mundial*

Na lógica do FSM a paz aparece desde o início como um pré-requisito, de uma mudança substancial no estado actual das coisas públicas humanas. A paz é expressa enquanto recusa de um mundo militarizado predisposto a tornar cada objecto privatizável, num alvo militar para o obter ou para assegurar a protecção à continuidade da sua exploração. A paz, tal como aparece na retórica oficial do FSM é sobretudo a ausência de

guerra ou de conflito bélico, em consequência de uma política global assente na extrema competição, apropriação e exploração. A paz, neste sentido, surge no discurso do Fórum como um conceito abrangente mas relativamente vago e que pretende vincar uma posição geral não militarista (Manifesto por um mundo sem guerras, 2002).

Porém, a análise dos programas de 2002, 2003 e 2004 permite perceber melhor como o conjunto do Fórum percebe, evolui e age acerca da paz e da guerra.

Em primeiro lugar e no que diz respeito às iniciativas da responsabilidade das organizações presentes, percebe-se que existe uma preocupação muito generalizada e diversificada acerca da paz e da análise das causas e consequências dos conflitos violentos. A centralidade da paz, com sentido abrangente mas com um valor concreto para a vida das pessoas, aparece disseminada pelo conjunto de propostas de seminários, oficinas, mesas de diálogo e controvérsia, painéis e conferências propostas e realizadas em cada um dos passados três FSM.

No Fórum de 2002 não se encontram muitas oficinas e actividades autopropostas e geridas que tratem explicitamente do problema de paz e da guerra, mas muitos dos assuntos abordados são claramente conectáveis com elas. De entre todos podem-se destacar os seguintes: as práticas da não-violência; as organizações internacionais e a regulação das relações internacionais; imperialismo e violência; crise capitalista e a guerra; paz e justiça social; globalização de baixo para cima desafiando a globalização desde cima e a guerra; a construção da paz nos países afectados pelas guerras ou regimes políticos militaristas e genocidas; a cultura da paz; nova ordem geopolítica internacional e as suas implicações; paz e trabalho.

Uma outra paz é possível!  
A agenda pacifista do Fórum Social Mundial

Estas actividades surgem quase todas organizadas no âmbito do Eixo Temático IV que se designava “Poder Político e Ética na Nova Sociedade”.

No FSM de 2003 a conjuntura mundial faz precipitar as preocupações pela paz e pela guerra e, assim, aumentam e amplificam-se as acções e as iniciativas das organizações, redes e movimentos, em torno deste problema. A organização do Fórum define um quinto Eixo Temático, “Ordem Mundial Democrática, Luta contra a Militarização e promoção da Paz”, cujo nome traduz o interesse e a urgência crescentes, em torno da paz e da guerra. Durante este Fórum as oficinas e outras actividades auto-organizadas sobre estes assuntos ascendem a uma centena, analisam e abordam problemáticas tais como: a não-violência; acção directa pela paz; relações internacionais, paz e governação mundial; arte e paz; educação e paz; paz interior; paz interna para uma paz mundial; a análise dos processos de conflito e construção da paz vinculadas a casos nacionais – Colômbia, Palestina, Afeganistão, Congo, Paquistão, etc; transformação positiva e criativa dos conflitos; diálogo inter-cultural e resolução de conflitos; guerra e terror; mulheres e paz; feministas e paz; paz e democracia; paz e auto-determinação dos povos; paz e segurança; religiões e paz.

Em Mumbai o número deste tipo de actividades decresce situando-se em cerca de meia centena mas as propostas de análise densificam o conceito de paz que se desenvolve no seio do FSM através das actividades e soluções trazidas pelos movimentos e redes. Ao longo dos quatro dias do FSM trataram-se assuntos como os seguintes: armas ligeiras; armas nucleares; guerra e autodeterminação; cultura da paz; guerra e pobreza; media e militarismo; educação e paz; construção da paz – Afeganistão, Iraque, Libéria, Colômbia, Palestina, Tibete, etc; paz e justiça global; prevenção e resolução de conflitos; paz e

segurança humana; desmilitarização e desarmamento para a paz; género e guerra; religiões e paz; reconstrução pós-bélica; as crianças nos processos de paz; água e guerra; ocupações imperiais bélicas; a militarização da ajuda humanitária; guerra e saúde pública; paz e direito; paz e ética; sociedade civil na construção da paz; controlo de armas; o militarismo.

Desta curta análise se destaca que, FSM após FSM, não só a paz ocupa um espaço importante nas discussões das organizações e do Fórum em geral, como se amplificam os paradigmas interpretativos do conceito. Aliás, quase que se pode afirmar que este passa a funcionar como um meta-conceito transversal a todas as visões, necessariamente plurais, do lema fundador: um outro mundo é possível levando à ideia de que *uma outra paz é possível*.

Em segundo lugar, e apesar de serem muito menos diversificados e ricos tematicamente do que as acções e iniciativas das bases do movimento, os programas dos três últimos Fóruns revelam a importância, a atitude e o discurso presentes na programação oficial internacional da responsabilidade dos diferentes Comitês Organizadores. De facto, desde 2002 que a paz aparece sempre referida e sempre como um horizonte das múltiplas utopias que o Movimento anuncia. Com um pico quantitativo em 2003, continua a aprofundar o seu espectro em 2004. É relevante o facto que no último Fórum em Mumbai, o discurso de abertura de Arundhati Roy, estabelece uma relação directa entre o novo imperialismo neo-liberal e a guerra, lembra a eficácia da estratégia de Gandhi na resistência não-violenta ao império britânico e afirma que as manifestações ocorridas por todo o mundo no dia 15 de Fevereiro de 2003, foram uma demonstração de *public morality* (Roy, 2004).

Uma outra paz é possível!  
A agenda pacifista do Fórum Social Mundial

Ao lugar central que a guerra tem no projecto imperial neoliberal, corresponde um lugar primordial da paz que o Movimento precisa de realizar e consolidar de forma global para a construção da resistência, alternativas e respostas contra esta *ordem* que se impõe *à custa da justiça* e a esta *disciplina* que se instala *à custa da dignidade* (Roy, 2004) dos Povos e da Natureza do mundo.

É desta maneira, que a *guerra* à guerra, ou seja, que *outra paz é possível*, se formula como um projecto global de emancipação social no Fórum Social Mundial.

*As/os activistas são sonhadoras/es  
da unidade na diversidade das  
transformações pacíficas e da  
dedicação ao mundo da  
solidariedade real.*

Rigoberta Menchú Tum

<b>Fórum Social Mundial Painéis e Conferências Mundiais</b>		
<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>
<p>&lt;Globalização e militarismo</p> <p>&lt;Geopolítica e geocultura: visões de uma nova ordem imperial</p> <p>&lt;Guerra e paz: os instrumentos do direito internacional na regulação entre os países</p> <p>&lt;A luta contra a guerra imperialista: desafio na construção do internacionalismo no início do século</p> <p>&lt;Paz e trabalho</p> <p>&lt;Terror de Estado</p> <p>&lt;Fórum um mundo sem guerras é possível</p> <p>&lt;Uma polícia democrática e cidadã para a construção da paz</p>	<p>&lt;Marcha da diversidade contra a guerra</p> <p>&lt;Tambores e vozes pela paz</p> <p>&lt;Ordem mundial: soberania e o papel dos governos e da ONU</p> <p>&lt;Estratégias democráticas para resolver conflitos internacionais</p> <p>&lt;Império, guerra e unilateralismo</p> <p>&lt;Resistência à militarização</p> <p>&lt;Governança económica global e instituições internacionais</p> <p>&lt;Cooperação democrática: integração, multilateralismo e paz</p> <p>&lt;Contra a militarização e a guerra</p> <p>&lt;Paz e valores</p> <p>&lt;Como enfrentar o império</p> <p>&lt;Globalização e militarização: obstáculos para desenvolver os países</p>	<p>&lt;Militarismo, guerra e paz</p> <p>&lt;Guerras contra as mulheres e mulheres contra as guerras</p> <p>&lt;A luta contra o neoliberalismo e a guerra; o seu significado para o FSM</p> <p>&lt;A ocupação pelos USA do Iraque e o problema da Palestina e do Afeganistão</p> <p>&lt;Tribunal Mundial das Mulheres sobre os crimes de Guerra dos EUA</p> <p>&lt;Os instrumentos do imperialismo: Guerra, comércio e finanças</p> <p>&lt;Dívida, livre comércio e militarização: a estratégia imperialista nas Américas e a resistência a ela</p> <p>&lt;Combatendo o unilateralismo e reformando as Nações Unidas</p>

Uma outra paz é possível!  
A agenda pacifista do Fórum Social Mundial

	<p>em desenvolvimento com foco específico na região árabe</p> <p>&lt;Guerra contra o Iraque: estratégias de solidariedade internacional</p> <p>&lt;Guerra contra o Iraque: impacto social, político e económico</p> <p>&lt;Rede da Europa contra a guerra no Iraque</p> <p>&lt;Em oposição às guerras do século XXI, como construir a paz entre os povos</p>	
--	--	--

## Referências

- Carta de princípios do Fórum Social Mundial* (2001)  
<http://www.dhnet.org.br/fsmrn/divulgar/manifest.html> 13-08-2004
- Correia, P.P. (2001), “Velhas e Novas Cartografias dos Conflitos”, José Manuel Pureza (org.), *Para uma Cultura da Paz*. Coimbra: Quarteto, 55-81.
- Fórum Social Mundial (2002), *Um Outro Mundo é Possível - Programa Oficial*, Porto Alegre: Comitê Organizador.
- Fórum Social Mundial (2003), *Um Outro Mundo é Possível – Programação 1*, Porto Alegre: Comitê Organizador & Conselho Internacional.
- Fórum Social Mundial (2003), *Um Outro Mundo é Possível – Programação 2*, Porto Alegre: Comitê Organizador & Conselho Internacional.
- Galeano, Eduardo (2004), “Eloge du bon sens”, *Le Monde Diplomatique*, Août – 51<sup>e</sup> année - n° 605, 28.
- Galtung, J. (1996), *Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict Development and Civilization*. Oslo: PRIO.
- Galtung, J. (2000), *Searching for Peace: The Road to Transcend*. London: Pluto Press.
- Grzybowski, Cândido (2003), *Todos os mundos do Fórum Social Mundial*  
[http://www.cidadania.org.br/conteudo.asp?conteudo\\_id=3970&secao\\_id=104](http://www.cidadania.org.br/conteudo.asp?conteudo_id=3970&secao_id=104)  
13-08-2004
- Louçã, Francisco; Costa, Jorge (2003), *A Guerra Infinita*. Porto: Edições Afrontamento.  
*Manifesto por um mundo sem guerras* (2002)  
[http://www.portoweb.com.br/especiaispw/fsm2002/manifesto\\_fsm.htm](http://www.portoweb.com.br/especiaispw/fsm2002/manifesto_fsm.htm) 13-08-04
- Mies, Maria ; Shiva, Vandana (1993), *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Mohanty, Chandra Talpade (1991) “Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses”, Mohanty; Russo; Torres, (orgs.), *Third World Women and the Politics of Feminism*. Bloomington; Ind.: Indiana University Press, 462-487.
- Moita, L. (2001), “O que é o Pacifismo no Nosso Tempo?”, José Manuel Pureza (org.), *Para uma Cultura da Paz*. Coimbra: Quarteto, 20-39.
- Muñoz, Francisco A. (org.) (2001), *La Paz Imperfecta*. Granada: Instituto de la Paz y de los Conflictos, Universidad de Granada.
- Osava, Mario (2004) “A Bazilian Pass to India”, *Voices Rising*, Year II; Vol.2, n.º 85; Fev. 2004  
<http://www.icae.org.uy/eng/voices84.html#ochentaycinco> 13-08-2004
- Pureza, José Manuel (org.), (2001b), *Para uma Cultura da Paz*. Coimbra: Quarteto.
- Pureza, José Manuel (2003), “ Derechos Humanos y Cultura de Paz: Dangerous Liaisons?”, Isa, Felipe Gómez (org.), *La protección internacional de los derechos humanos en los albores del siglo XXI*, Bilbao: Universidad de Deusto, 827-835.
- Quijano, Aníbal (2003), “Colonialidad, Globalización y Democracia”  
<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.asp?pagina=quijano-asp>  
13-7-2003
- Quijano, Aníbal (2000), “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”, Langer, Eduardo (org.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*, Buenos Aires: CLACSO, 201-246.

Uma outra paz é possível!  
A agenda pacifista do Fórum Social Mundial

- Reardon, Betty A. (1985), *Sexism and the War System*. New York: Teachers College Press.
- Reardon, B. (1993), *Women and Peace: Feminist Vision of Global Security*. Albany, New York: State University of New York Press.
- Reardon, B. (2002), “Mujeres o Armas”, UNESCO *Towards a Women’s Agenda for a Culture of Peace*. Madrid: UNESCO/NARCEA.
- Roy, Arundhati (2004) *Do turkeys enjoy thanksgiving?*  
<http://www.hindu.com/2004/01/18/stories/2004011800181400.htm> a 13-08-2004
- Santos, Boaventura de Sousa (2004) *Mumbai and the future*  
[http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.asp?pagina=bal\\_boaventura\\_2004i](http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.asp?pagina=bal_boaventura_2004i)  
13-08-2004
- Santos, Boaventura de Sousa (org.), (2001), *Globalização, Fatalidade ou Utopia?*. Porto: Afrontamento.
- Shirin, Rai (1996), “Women and the State in the Third World”, Kaleh, A. (org.), *Women and Politics in the Third World*. London/New York: Routledge, 25-39.
- Shiva, Vandana (2000), “Recursos Naturais”, Sachs Wolfgang (org.) *Dicionário do Desenvolvimento: Guia para o Conhecimento como Poder*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Spivak, Gayatri Chacravorty (1999), *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. London: Harvard University Press.
- Stephenson, Carolyn (1999), “Género y Naciones Unidas: Programa para la Paz”, UNESCO, *Towards a Women’s Agenda for a Culture of Peace*. Madrid: UNESCO/NARCEA.
- Wallerstein, Emmanuel (2001), “A reestruturação capitalista e o sistema-mundo”, Gentili, Pablo (org), *Globalização Excludente*, Petrópolis: Editora Vozes, 223-250.
- Whitaker, Francisco (2002) *Fórum Social Mundial: origens e objetivos*  
[http://www.dhnet.org.br/fsmrn/biblioteca/20\\_Francisco\\_Whitaker.html](http://www.dhnet.org.br/fsmrn/biblioteca/20_Francisco_Whitaker.html)  
13-08-2004
- Wolfwood, Theresa (2002) *Another world is possible: Globalization by the people*  
<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/us/therezawolfwood.asp>  
13-08-2004